

RUBEM BRAGA

LUZ, TELEFONE...

QUEM escreve em Jornal sofre uma certa pressão dos leitores. São cartas pedindo para protestar contra isto ou aquilo, ou apelar para fulano ou sicrano. Se o cronista fôr muito obediente aos leitores, sua coluna acabará um muro de lamentações. Mas de vez em quando a gente precisa dar uma colher de chá aos missivistas.

Que me perdõe o amigo Antônio Gallotti, mas a Light mantém a liderança das queixas, devido principalmente aos cortes de luz com ou sem aviso prévio, demora das ligações definitivas de luz e energia e mil outras coisas. A seguir — ou emparelhada — vem a Telefônica — mas como posso eu escrever contra a Telefônica? Passo a vida pedindo a um ou outro amigo, inclusive ao supracitado Antônio, que não tem mais coisa alguma a ver com isso, para pedir ao doutor ou ao general tal para ver se apressa uma transferência ou se dá um jeito de fazer isso ou aquilo...

Uma pessoa que se supõe «ter relações», como eu, não pode se furtar a êsses pedidos, embora, para dizer a verdade, quase nunca êles sejam atendidos: no meu próprio escritório, funcionamos na base de uma extensão que nem sei bem se é legal, ou se foi feita por algum quebrador-de-galho da Companhia, um desses beneméritos homens que às vezes pode «dar um jeitinho» — embora estejamos pagando há muito meses e muito bem a Companhia para nos dar um aparelho próprio. O que há de realmente cômico em tudo isso é que a Telefônica publica belos anúncios induzindo a gente até a comprar PBX...

O serviço público no Brasil, tanto por parte de empresas particulares estrangeiras ou nacionais, como por parte da administração, é um mundo confuso e tétrico, onde, para obter as coisas a que tem direito, o cidadão tem que pedir, chorar, ou subornar. Antigamente, quando faltava luz por acaso a gente sabia que em poucos minutos a luz voltaria, até diziam que a Light sofria uma vertiginosa multa por se-

gundo sem luz. Hoje a luz custa a voltar, some outra vez... Quanto ao telefone, êsse resolve não dar linha, ou enguiçar, ou emburrar, e qualquer conserto leva uma eternidade, quando há conserto e não apenas alguma coisa a respeito de cabos... Ainda agora mesmo, li num jornal uma luminosa explicação, não sei se da Light ou da Telefônica, dizendo que acontece que em Ipanema, devido ao ar do mar, os cabos se enferrujam! Posso garantir, por ciência própria, que pelo menos nestes últimos 30 anos Ipanema fica situada junto ao mar, e é deveras lamentável que só agora se tenha descoberto isso.

Uma senhora minha amiga teve outro dia a má idéia de ir morar junto à avenida Niemeyer. Sabendo que os telefones da vizinhança eram das estações 27 ou 47, pediu a transferência do seu, que era 27, tranquilamente. Acaba de saber que há problema de linhas e que deverá esperar «meses ou anos!» Quis apelar para a tal CETEL, mas descobriu que ali ainda não é CETEL, é um território intermediário e abandonado. Ela agora está esperando chegar de viagem uma conhecida sua, que é filha de um marechal da reserva; segundo outra amiga, essa arranjou uma vez uma transferência com um general amigo de seu pai. Um sujeito pessimista disse que isso foi no tempo em que havia poucos generals, hoje em dia tem muita coisa que nem marechal arranja, devido à inflação dos mesmos.

Em resumo: prometo não veicular mais nenhum pedido nem reclamação sobre telefone para não ocupar a toa o tempo dos amigos influentes nem aborrecer o leitor. Só tenho uma reivindicação a fazer: que a Companhia Telefônica pare de publicar êsses anúncios em que afirma que está em condições de instalar telefones, e fala até em «telefone de graça» — isso para tomar dinheiro dos pobres otários como nós lá do escritório...

DN 18.5.68